



“Alimentando o bebê”, de Fritz Zuber-Bühler (1822-1896), pintor suíço no estilo do classicismo acadêmico.

O bebê inaugura a família

**DR. RENATO MIKIO MORIYA E
DRA. PAULA TAMMY NAKAMURA MORIYA**

O nascimento determina a entrada do bebê no mundo, marcando o término de vinculações seguras e conhecidas. Constitui-se num dos momentos cruciais da vida familiar, sendo, tanto quanto a morte, um dos acontecimentos mais intrigantes da história humana.

O nascimento é rodeado de mistérios, e nenhuma preparação prática chegará ao âmago dos medos e fantasias secretas acerca de como será o bebê e o que ele significará para todos.

A FAMÍLIA É O NÚCLEO DE CRIAÇÃO E DE EDUCAÇÃO DOS FILHOS. TAL COMO OCORRE NA NATUREZA, OS QUE TIVEREM MELHORES CUIDADOS TERÃO MELHOR CRESCIMENTO E MAIS SUCESSO.

O mistério do nascimento tem sido objeto de construção de uma infinidade de mitos, manifestações artísticas e religiosas, reflexões filosóficas e, mais recentemente, estudos científicos. Um dos exemplos mais significativos faz referência ao Natal, ritual religioso que homenageia o nascimento de Cristo, mas também todos os nascimentos. Os rituais de comemoração do aniversário de nascimento também indicam como esse assunto é significativo para cada indivíduo e para sua família. As comemorações anuais mobilizam famílias inteiras, festejando-se ao longo dos anos o crescimento e desenvolvimento de cada um.

A chegada do bebê desencadeia um conjunto de modificações nas relações familiares, inicialmente com o objetivo de protegê-lo através do fortalecimento do vínculo pais-bebês. À semelhança dos Reis Magos no Natal, as pessoas homenageiam o nascimento, presenteando o jovem casal e seu bebê num ritual que expressa os afetos por ele despertados.

Mesmo numa gravidez planejada, o nascimento do primeiro filho é um dos eventos mais desafiadores da vida. Não existe nenhum estágio do ciclo vital que provoque mudança mais profunda ou que signifique desafio maior para a família do que a incorporação de uma criança ao sistema familiar.

É a chance da perpetuação familiar, adquirindo o pai e a mãe um novo status social. Um bebê permite que se inaugure uma família. A família só se concretiza quando o casal tem o primeiro filho e o sistema familiar se torna permanente quando se forma um grupo de três. Se um casamento sem filhos se desfaz, não irá restar nenhum sistema; todavia, se uma pessoa deixa uma díade, o sistema sobreviverá.

Com o advento do nascimento, corta-se o cordão umbilical, e o bebê vive a sua primeira experiência de separação. Separação esta dolorosa, pois, pelo menos ilusoriamente, no ventre, o bebê estava quentinho, protegido, alimentado, sem nenhuma privação ou frustração; por outro lado, necessária, pois o bebê já não cabia mais no útero e precisa crescer e se desenvolver.

Assim, “cortar o cordão umbilical” torna-se símbolo e metáfora de todo o processo de desenvolvimento psíquico

e emocional. A cada etapa o bebê evolui, tornando-se uma criança, um adolescente, vivenciando a perda do status anterior, conquistando ao mesmo tempo novas capacidades intelectuais e emocionais que promovem maior autonomia. Esse processo sempre acontece com algum sofrimento relativo à perda e ao medo do novo e do desconhecido, porém está presente a satisfação da conquista e da liberdade proporcionada pela autonomia. A cada uma dessas etapas vencidas, corta-se um novo cordão umbilical e a vida segue adiante.

A família é o núcleo de criação e de educação dos filhos. Tal como ocorre na natureza, os filhos que tiverem melhores cuidados terão melhor crescimento e mais sucesso. A função materna – e, em anos mais recentes do processo evolutivo, também a função paterna – foi se aprimorando ao longo dos séculos.

Do nascimento em diante, o casal vai inaugurar uma série de novos papéis e novas formas de relacionamento na família. Cria-se um novo sistema familiar, com modificações definitivas dos sistemas existentes. Em nossa atual cultura, existem poucos modos de se preparar para esse acontecimento poderoso.

A paternidade e a maternidade serão aprendidas ao longo da vivência prática, processo altamente complexo para a maioria das pessoas. Esse aprendizado ocorrerá através de um processo de interação com o filho, tendo como pano de fundo as relações vividas no passado com os próprios pais e as experiências construídas dentro de cada um a partir dessas relações e das demais experiências de vida.

A mulher durante a gravidez ocupa um lugar social privilegiado, um ser em “estado de graça”, experimenta sentimentos de plenitude, realização e poder quase divinos. Deixa de ser menina para tornar-se mulher, de filha passa a ser mãe. Culturalmente criada desde pequenina para ser sensível, meiga, compreensiva, cobrada a estudar, a ser competitiva, agressiva no mercado de trabalho e a progredir profissionalmente até... ter um bebê. A partir daí precisará corresponder às expectativas da sociedade. Espera-se que a partir de então abandone tudo e “materne” seu bebê, ao menos por algum tempo, enquanto as

crianças são pequenas e precisam tanto da mãe. Só que esse algum tempo normalmente demora para passar.

Portanto, a nova mãe sente, nessa etapa, mais necessidade de estar próxima de sua mãe, buscando aprender um pouco com esta sobre cuidados com o pequeno bebê e, principalmente, sentir-se ela mesma cuidada e protegida em suas necessidades afetivas.

Em relação ao homem, criado desde pequenino para ser macho, durão, provedor e protetor, cobra-se de repente que seja sensível, colaborador e até maternal em relação à esposa e ao bebê. Criado para competir na “selva” do mercado de trabalho, súbito é convidado a lavar mamadeiras e trocar fraldas. Criado para prover, é esperado dele que reveze com a mulher nos cuidados com o bebê.

O novo pai, agora na condição de procriador, pode dialogar com seus próprios pais em novas bases. A paternidade transforma-o em pessoa melhor, na medida em que faz do pai um homem capaz de olhar o mundo em toda a sua grandeza e de considerar, em primeiro lugar, o bem-estar de outra pessoa. A maioria dos pais diria, sem pestanejar, que daria a própria vida para salvar a do filho.

Atualmente, os pais buscam participar, permanecendo absorvidos com essa experiência. Os registros de sua infância como filho, a relação com sua mãe e a eventual identificação com o jeito como seu pai conduzia a paternidade vão oferecer sustentação a sua nova condição de pai. Muitos homens também podem entrar em uma zona de tensão e conflito durante a gravidez. Esses pais podem se sentir de lado, eximindo-se assim de qualquer participação. Outros podem invejar a capacidade da mulher de procriar, e outros, já desde cedo, começam a se amargurar em ter de dividir o espaço com o bebê. A esposa poderá estar no lugar da mãe, o que, com a gravidez, elucida seus mais profundos sentimentos provenientes da tenra infância e do seu relacionamento com seus pais.

Apesar das oportunidades de inclusão dos pais nos cursos pré-natais e o incentivo à sua presença durante o trabalho de parto e após o nascimento do bebê, a ênfase é sempre dada à mãe e ao bebê, oferecendo pouca oportunidade para que o pai possa explorar seus próprios sentimentos, assim como para o casal elaborar a perda desse exclusivo relacionamento a dois.

A presença do pai na sala de parto parece ajudar a mãe a controlar a dor, a reduzir a necessidade de medicação e a duração do trabalho de parto e possivelmente a intensificar o relacionamento marido-mulher. A maioria dos pais relata intensos sentimentos de deleite por estar presente no nascimento dos filhos.

As famílias de origem jamais serão as mesmas quando nascer um neto. Assim, o nascimento do primeiro bebê da família torna avós os pais de cada um dos filhos do casal, tios e tias os irmãos de cada um deles, e seus filhos, primos entre si. Essas novas relações recebem um nome especial porque configuram novas formas de interação familiar.

Assim, quem vai ser avô ou avó, logicamente, já foi pai ou mãe, o que já implicou mudanças internas importantes. Quando chega ao status de avós, mais um acréscimo de mudança de qualidade interior ocorre. Passa a dominar a necessidade de contribuir para que a descendência siga da melhor forma possível. A preocupação com aqueles que carregam o nome, ou DNA, ou sangue é universal e justa. Pensando desta forma, um ponto importante de todo o evento, seja a gestação ou o nascimento, é a união das duas mulheres – a mãe e a filha. A presença da futura avó nesse cenário merece destaque por seu suporte e apoio emocional. A avó participa com sua experiência, permitindo um espaço mental para o florescimento da maternidade na filha.

Observa-se que o vínculo afetivo entre avós e netos é uma relação de muita relevância. As crianças que têm avós são diferentes das outras, pois têm maior segurança afetiva, são mais receptivas a outros vínculos, outras línguas e outras culturas. Além de apresentar uma atitude positiva ante a perspectiva de envelhecer, devido ao modelo que é oferecido por seus avós.

Vale a pena assinalar que as mudanças sociais têm distorcido imensamente a estrutura familiar maior (avós, tios...), que era no passado um grande apoio para os jovens pais. Atualmente a maioria dos pais não provém de famílias nas quais testemunharam ou participaram dos cuidados com um novo bebê. Todavia, aparece a força mais potente que move o ser humano: o amor, que já é imenso pelos filhos e parece multiplicar-se no contato com aquele serzinho, tão pequeno e tão maravilhoso, que nos reafirma a certeza de que a vida vale a pena! Os avós cuidadores dos netos terão também uma forma de continuar cuidando dos filhos.

Enfim, pode se concluir que tudo reforça no sentido de que nossos filhos serão nossa continuidade – muitas vezes esperamos que, seguindo nosso modelo, realizem nosso desejo mais profundo: a eternidade. Esse desejo de continuidade, manifestado de diferentes maneiras, tem nutrido a imaginação das pessoas ao longo dos séculos. E os nossos filhos podem realizar esse sonho, através de seus filhos e dos filhos de seus filhos, numa interminável sequência de gerações. 